

Encontro no Infinito

Conta o Irmão X – em longa e substanciosa mensagem muito condensada neste espaço – que, no último dia do século XVIII, reuniu-se na Espiritualidade superior uma grande assembleia de Espíritos elevados com o objetivo de assinalar os primeiros alvares do século XIX.

Eram Espíritos sábios e benevolentes que de alguma forma haviam concorrido, ao longo dos milênios, para o progresso da humanidade: vinham da Roma Imperial, das Gálias, da Espanha, da América, da Grécia, de Israel, da Alemanha, da Inglaterra, da China, da Arábia, da Índia e de várias outras regiões. Constituíam-se, ainda, de legiões esmaltadas de estandartes, falanges de batalhadores indefessos, delegações de pioneiros no combate à ignorância humana e preparadores da Nova Era que estava prestes a irromper no mundo.

Após a palavra de eminentes orientadores espirituais, clarins soaram na direção da Crosta, e da brumalizada noite europeia emergiu, trazido por mensageiros de luz, um pequeno cortejo de Espíritos encarnados em desdobramento espiritual, que se mostravam esmaecidos e trôpegos em seus passos no reino invisível. Eram autoridades de alto gabarito reencarnadas no planeta, tendo à frente a figura austera de Napoleão, com seu traje característico, e a finalidade de tal presença ali era a reafirmação de seus compromissos perante a Espiritualidade maior.

Napoleão ocupou a poltrona que lhe fora reservada e, embora recebesse manifestação de apreço de todos os presentes, mantinha-se em prudente reserva, encastelado em si mesmo, apenas inclinando discretamente a cabeça, vez por outra, em agradecimento, enquanto seu séquito banhava-se em lágrimas de alegria e emoção.

Clarins ressoam novamente, agora na direção do alto, quando luminosa estrada se desenha do céu até o local da assembleia, pela qual descem estrelas resplandecentes que, ao tocarem o solo translúcido, se transformam em seres aureolados de luz. Um dentre esses seres avulta pela conspícua superioridade. Traz fúlgida tiara na cabeça e um cetro dourado na mão, e de seu olhar transbordam magnanimidade e doçura.

Baixam-se os estandartes em sinal de respeito e muitos sábios e guerreiros postam-se genuflexos em meio à multidão. Nesse momento, Napoleão, rompendo a aparente frieza, comove-se às lágrimas e, levantando-se, avança na direção do venerável Mensageiro, ante o qual se ajoelha. O Emissário celeste sorri sem afetação, e no momento em que procura erguê-lo para o abraçar, poderosa voz, a um tempo enérgica e doce, projeta-se do céu e exclama para Napoleão, agora pertransido de pavor e júbilo:

– Irmão e amigo, ouve a Verdade, que te fala em meu espírito! Eis-te à frente do apóstolo da fé, que, sob a égide do Cristo, descerrará para a Terra atormentada um novo ciclo de conhecimento...

César ontem, e hoje orientador, rende o culto de tua veneração, ante o pontífice da luz! Renova, perante o Evangelho, o compromisso de auxiliar lhe a obra renascente!

Prossegue o Espírito Verdade (pois era ele quem falava), recordando-lhe as glórias quiméricas do passado e incitando-o, agora, a deixar as velhas ambições de lado e a valer-se da oração e da humildade para não descambar novamente na tirania e na violência. Que não atribuisse apenas à ardidez de seu gênio as conquistas militares e políticas do presente,

pois as circunstâncias da vida que o favoreciam eram dádivas exclusivas do Senhor. Sua missão, a exemplo do Batista ante o Cristo, era esterrear os caminhos para o Apóstolo da Codificação que iria inaugurar em breve a Nova Era para a humanidade, pois começariam no século XIX os preparativos para o advento do terceiro milênio do Cristianismo na Terra.

E a Entidade sublime conclui suas palavras a Napoleão com este voto de confiança:

“Confiamos, pois, ao teu espírito valoroso a governança política dos novos eventos e que o Senhor te abençoe!”

Em seguida, quando já se anunciavam os primeiros alvares do século XIX, a momentosa assembleia se dissolve ao som de cânticos divinais, enquanto o Espírito Verdade e sua falange de eleitos retornam às fulgurantes regiões do Infinito. A Entidade de luz que sustinha Napoleão nos braços, e que em breve reencarnaria na Terra como Allan Kardec, conduz bondosamente o Espírito do famoso curso até a matéria, auxiliando-o na retomada do corpo físico.

Kardec nasceu quase quatro anos após esse magno acontecimento (a 3 de outubro de 1804) e buscou, desde a juventude, a Luz divina que o conduziria por toda a vida. O Espírito Bonaparte, porém, obscurecido pelo arrocho da matéria, deixou que se apagasse de sua retina espiritual aquele momento de glória e, entorpecido pelo ópio do mando, num ato imperial de extremado orgulho e ilimitado poder, auto coroa-se Imperador em 2 de dezembro de 1804, passando a reger com mão de ferro seu nascente e ameaçador império. Ambos tiveram assim, naquele augusto momento da História, oportunidades iguais de cooperar com o Senhor na difusão da Verdade e da Vida.

“Napoleão, contudo” – conclui o Irmão X –, “convertendo celestes concessões em aventuras sanguinolentas, foi apressadamente situado, por determinação do Alto, na solidão curativa de Santa Helena, onde esperou a morte, enquanto Allan Kardec, apagando a própria grandeza, na humildade de um mestre-escola, muita vez atormentado e desiludido, como simples homem do povo, deu integral cumprimento à divina missão que trazia à Terra, inaugurando a era espírita cristã, que, gradativamente, será considerada em todos os quadrantes do orbe como a sublime renascença da luz para o mundo inteiro”